

UMA AVENTURA DE ASTERIX O GAULÊS: POLÍTICA DE REPRESENTAÇÃO, IDENTIDADE E ETNIA

Maria Isabel Borges*

RESUMO: Este trabalho visa analisar o jogo de re-posicionamentos e as políticas de representação em “Uma aventura de Asterix o gaulês”, escrita por René Goscinny e desenhada por Albert Uderzo, com o propósito de reivindicar uma identidade étnica. Nesse cenário de representações, há políticas de resistência entre os sujeitos atuantes: romanos e gauleses. Isto ocorre no âmbito dos sistemas de representação e de significação, em que o processo de identificação transforma-se constantemente, interpelando identidades étnicas que, ora se afirmam, ora se negam. As identidades a serem problematizadas, nesse trabalho, re-posicionam-se em função das políticas de conveniências e de interesses em que os sujeitos se circunscrevem. O fato de um membro do exército de Júlio César, por exemplo, negar a sua identidade de cidadão romano para reivindicar a de gaulês ilustra um desses re-posicionamentos que podem ser facilmente relacionados com fatos reais do contexto político da época. O estudo a respeito das identidades, das políticas de representação e da etnia baseia-se nas noções postuladas por Hall (2003), por Rajagopalan (2002; 2003) e Poutignat & Streiff-Fernart (1998) respectivamente.

PALAVRAS-CHAVE: Asterix; política de representação; identidade; etnia; discurso.

* Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Mestranda.

Considerações iniciais

O século XX foi marcado pelas rupturas e transformações, opondo-se às idéias e aos comportamentos sociais tradicionais do século XIX. Antes da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os estudos sobre a etnicidade, na França, eram marcados por estreitas visões, porque não se admitia que o “Estado-nação” fosse formado pela diversidade étnica (LAPIERRE, 1998, p. 9).¹ Em outras palavras, os franceses acreditavam, ilusoriamente, na formação homogênea e pura de sua sociedade. Mas, apesar da publicação dos estudos sobre a etnicidade, organizado pelo antropólogo Fredrik Barth, em 1969, intitulado “Ethnic groups and boundaires: the social organization of culture difference”, os estudos franceses permaneceram, rigidamente, fechados e condicionados às visões preconceituosas e racistas até a década de 90. Foram duas décadas de resistência, por parte dos franceses, em relação à ruptura, iniciada por Barth (1969) e adotada pelas “ciências sociais anglo-saxônicas desde a década de 1970” (POUTIGNAT & STREIFF-FENART, 1998, p. 21) Paralelo a isso, na França, dois fatos sócio-políticos impulsionaram as rupturas e as transformações internas, especialmente, após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945): as manifestações regionalistas e étnicas, por um lado; e, por outro, a imigração. Este movimento de imigração em direção à França iniciou no século XIX, em que as pessoas se deslocavam de diferentes culturas e locais da “Europa central e meridional, inclusive das ‘colônias’, de modo que muitos dos cidadãos franceses da atualidade são descendentes de imigrados” (LAPIERRE, 1998, p. 10).² Assim, a convivência de grupos étnicos com a comunidade dominante impulsionou reposicionamentos identitários, de forma a demarcar as suas fronteiras pelas diferenças (POUTIGNAT & STREIFF-FENART, 1998).

¹ LAPIERRE, Jean-William. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FERNART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrick Barth*. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. 250 p.

² Idem, *ibidem*.

Mas, por trás desse processo de identificação — que jamais cessa— re-configurações são efetuadas no bojo de uma política de representação. Esta política está, intimamente, ligada aos sistemas de representação e significação (HALL, 2003) que se modificam, constantemente, re-construindo e interpelando identidades étnicas re-constituídas no entrecruzamento de fatos sócio-políticos. No caso da França, as identidades étnicas são re-constituídas no bojo de uma política de representação que não visa somente opor-se à invasão da cultura norte-americana como alguns estudiosos das histórias em quadrinhos, restritamente, vêem as práticas discursivas, manifestadas em “As aventuras de Asterix o gaulês”. Assim, neste trabalho, visamos problematizar essa visão simplista de considerar “As aventuras de Asterix o gaulês” como uma metáfora da resistência da cultura francesa frente à norte-americana.

Para problematizar essa metáfora, vamos analisar o primeiro álbum, “Uma aventura de Asterix o gaulês” — cujos criadores são René Goscinny (o roteirista) e Albert Uderzo (o cartunista)³—,

³ René Goscinny nasceu em 1926 e morreu em 1977. Começou a escrever aos 17 anos como aprendiz em uma agência de publicidade na Argentina. Trabalhou nos Estados Unidos e nos anos 50 na Europa. Nessa década, escreveu e desenhou vários roteiros. Asterix apareceu pela primeira vez em 1959 na revista *Pilote*: “In 1959 with Jean-Michele Charlier and Uderzo, Goscinny helped create the comic book **Pilote**. It is in the issue of this comic that, for Albert Uderzo, he writes “*Asterix the Gaul*”. During his life as script-writer, Goscinny played an important role in the evolution of comics across Europe” (Acesso em: < <http://www.williams.edu/Astronomy/jsd/asterix/goscinny.html>>). “As aventuras de asterix o gaulês” iniciaram na revista “*Pilote*” em 1959 e; em 1961, teve sua própria revista, editada por Dargaud. Todavia, Goscinny, cartunista e roteirista, não criou o personagem Asterix sozinho, e sim, com o desenhista Albert Uderzo. Este nasceu em 1927 na Itália. Mudou-se para a França e lá leu as revistas de Mickey Mouse, passando a desenhar as suas próprias histórias. Ele não distinguia as cores, mas não deixou de desenhar. Além de ter trabalhado na França, trabalhou na Bélgica. Criou vários personagens como “Arys Buck”, “Prince Rollin”, “Belloy”, entre outros. Ao trabalhar com Goscinny, ambos criaram os personagens “Jehan Pistolet” e “Luc Junior” para a revista “*Livre Junior*”. Juntos, Goscinny e Uderzo, criaram vinte e quatro aventuras. Com a morte do primeiro, as publicações seguintes foram feitas pelas Edições Albert René, dirigida por Uderzo. Desde então, a dupla de criadores de Asterix foi desfeita e a continuação da saga gaulesa foi dirigida apenas por Uderzo. Ao todo são mais de trinta aventuras (Acesso em: < <http://www.williams.edu/Astronomy/jsd/asterix/goscinny.html>>).

que faz parte de uma coleção de mais de trinta títulos. Essa primeira aventura representa o estandarte contextualizador sob o ponto de vista enunciativo, discursivo, sócio-histórico e cultural das tramas posteriores ao primeiro álbum. Há confirmações identitárias étnicas durante as tramas gaulesas, que iniciam com a apresentação das personagens principais: Asterix, Obelix, Idéiafix, Panoramix, Chatotorix e Abracurcix. Também há a localização geográfica e histórica do conflito. A realidade histórica do ano 50 a.C. coincide com a ficção da primeira aventura e das demais, representando a expansão do império romano sobre a Gália, iniciada ao sul da província. Mas, o enfoque da ficção é sobre a resistência de uma aldeia gaulesa, representando as políticas de resistência na França após a Segunda Guerra Mundial. Ao final da trama gaulesa, o banquete simboliza a vitória dos gauleses sobre os romanos, representando as lutas dos grupos étnicos em relação à sociedade dominante.

A análise da primeira aventura considerará o contexto sócio-histórico como um dos fatores a influenciar na re-configuração das identidades étnicas, assim como o jogo de re-posicionamentos das políticas de representação. E para problematizar a metáfora da resistência da cultura francesa frente à norte-americana, vamos tentar desvelar as políticas de resistência que se re-configuram em função de um processo de identificação e de um cenário sócio-político no interior de uma política de representação. Esse processo de desvelamento consiste no esboço de análise das funções das personagens, sendo sustentado pelos estudos a respeito das noções de sujeito pós-moderno e de identidade de Hall (2003); a noção de política de representação refere-se aos estudos de Rajagopalan (2002 e 2003); e as questões ligadas à etnicidade, a Poutignat & Streiff-Fenart (1998). E para circunscrever este trabalho, vamos diferenciar os dois paradigmas a respeito dos estudos da subjetividade para a contextualização das bases teóricas, seguida do esboço de análise de “Uma aventura de Asterix o gaulês”.

1. As bases teóricas

A circunscrição deste trabalho, sob os paradigmas da pós-modernidade, será feita por meio de uma comparação com os paradigmas da modernidade, segundo Signorini (1998). Em seguida, vamos discutir os conceitos de sujeito pós-moderno e de identidade, conforme Hall (2003) e a noção de política de representação (RAJAGOPALAN, 2002 e 2003). E, antecedendo o esboço de análise, ambigüidades conceituais serão abordadas.

1.1 Os estudos sobre a subjetividade e etnicidade

A análise de “Uma aventura de Asterix o gaulês” segue um paradigma que delimita a corrente filosófico-metodológica do estudo da noção de identidade. A noção de identidade está interligada com o conceito de subjetividade, segundo Signorini (1998), e os estudos da subjetividade deste trabalho insere-se nos paradigmas da pós-modernidade. Conforme a autora, nega-se primeiramente a idéia de desenvolvimento teleológico, enfatizando o processo da subjetividade, e não, os seus pontos de partida e de chegada. Nega-se também a tradição hegeliana, postulada pelos paradigmas da modernidade e; portanto, a tradição racionalista. O tempo possui uma característica de irreversibilidade, não permitindo a recuperabilidade do sujeito. Relacionada ao estruturalismo, a problemática da pluralidade permite, conforme os paradigmas da modernidade, a análise da subjetividade em um sistema fechado e baseado na continuidade, estabilidade e recuperabilidade. Para os paradigmas da pós-modernidade, ainda com Signorini (1998), a problemática baseia-se na complexidade, considerando a instabilidade, a descontinuidade e a abertura. Toda essa complexidade do sujeito se manifesta na e pela linguagem. E nas palavras de Signorini (1998, p. 336), “trata-se de um sujeito que se constitui entre linguagens, ou seja, no / pelo trançado de múltiplas e heterogêneas formas de linguagem”. O sujeito age como um “ator intermitente”, implicando na problemática dos processos de subjetivação.

Segundo Peters (2000), os paradigmas da modernidade relacionam-se com o estruturalismo e os da pós-modernidade com o pós-estruturalismo:

Enquanto o estruturalismo busca apagar a história por meio da análise sincrônica das estruturas, o pós-estruturalismo mostra um renovado interesse por uma história crítica, ao se concentrar na análise diacrônica, na mutação, na transformação e na descontinuidade das estruturas; na serialização; na repetição; na arqueologia; e, talvez, de forma mais importante, naquilo que Foucault, seguindo Nietzsche, chama de “genealogia”. As narrativas genealógicas substituem a ontologia ou, para expressar a mesma idéia de uma forma diferente, as questões de ontologia tornam-se historicizadas (PETERS, 2000, p. 38-39).

Essa distinção entre estruturalismo e pós-estruturalismo e suas respectivas relações com a modernidade e a pós-modernidade permite delimitar o esboço de análise de “Uma aventura de Asterix o gaulês”, de forma a não considerar apenas um fator constituinte das políticas de resistência. Mas, trata-se de um desvelamento do jogo de re-posicionamentos das identidades étnicas em função das re-configurações das políticas de representação. Tanto os re-posicionamentos quanto as re-configurações são móveis, de maneira não formar identidades étnicas prontas e acabadas e, muito menos, é possível fixar as configurações das políticas de representação que estão em jogo em um dado momento, uma vez que o processo não deixa de celebrar a mobilidade (HALL, 2003). Por isso, neste trabalho, há um esboço de análise em que três entrecruzados constituintes — contexto sócio-histórico, o processo de identificação e a política de representação — das políticas de resistência são confrontados, revelando, de forma fragmentada, uma das possíveis problematizações sob a perspectiva dos paradigmas da pós-modernidade.

Essa circunscrição do esboço de análise implica a substituição dos estudos centrados na essência do sujeito pelos estudos que focalizam o processo. Como consequência, a subjetividade trans-

forma-se em um dos constituintes do processo histórico, tornando o sujeito descentrado e fragmentado. Junto a isso, segundo Poutignat & Streiff-Fenart (1998, p. 32), os estudos antropológicos e sociológicos enfrentam “dificuldades empíricas que implicam uma retificação das antigas idéias”, apostando na interdisciplinaridade que representa uma possibilidade de problematização da noção de etnicidade. Adotar, assim, “pesquisas interdisciplinares” (POUTIGNAT & STREIFF-FENART, 1998, p. 32) objetiva conceituar a etnicidade em um novo paradigma.

1. 2. O sujeito pós-moderno e a noção de identidade

O deslocamento da noção de etnicidade, anteriormente feito, resultou de um “complexo de processo de forças de mudança, que, por conveniência, pode ser sintetizado sob o termo ‘globalização’” (HALL, 2003, p 67). Esse processo globalizante se acelerou a partir dos anos 70, mas isso não quer dizer que as transformações quanto às concepções de identidade do sujeito ocorreram, bruscamente, sendo sintetizadas, segundo Hall (2003), em: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. O conceito de identidade do sujeito do Iluminismo:

estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo — contínuo ou “idêntico” a ele — ao longo da existência do indivíduo (HALL, 2003, p. 10-11).

A complexidade do mundo moderno — que se encontra em um estado crescente — e a constatação de que a essência do sujeito mantinha uma relação externa — negando a sua autonomia e auto-suficiência —, refletiu na idéia de um sujeito sociológico. A cultura fazia a mediação entre “os valores, sentidos(...) símbolos dos mundos” (HALL, 2003, p. 11) e o centro do eu, por meio de uma

“interação”. Essa concepção foi defendida pelos interacionistas simbólicos G. H. Mead, C. H. Cooley e outros.

Descrevemos uma concepção de identidade baseada na essência e outra, “na ‘interação’ entre o eu e a sociedade” (HALL, 2003, p. 11), porém o processo de identificação do sujeito perdeu os seus caracteres de unidade e estabilidade para sofrer uma fragmentação constante, tornando-se “mais provisório, variável e problemático” (HALL, 2003, p. 12). Esse processo de identificação, que não permite a fixidez de uma essência humana, caracteriza o sujeito pós-moderno. Ou seja, a identidade do sujeito pós-moderno se forma e se transforma de maneira descontínua, estando sempre móvel. É por intermédio dessa mobilidade constante que:

o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas(...). A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertantes e cambiantes de identidade possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente (HALL, 2003, p. 13).

A crescente multiplicação dos sistemas de significação de representação cultural implica o aumento das possibilidades de assumir, negar e reivindicar identidades diferentes a cada circunstância depurada. E para desvelar os sistemas de representação existentes em “Uma aventura de Asterix o gaulês”, que faz com que os atores gauleses e romanos interpelem identidades representativas e momentâneas, recorreremos à Política de Representação que será discutida a seguir.

1. 3. A Política de Representação

Rajagopalan (2002) desloca a noção de identidade do sujeito pós-moderno (HALL, 2003), a fim de considerá-la como “um construto

[...] como algo em constante processo de (re)construção” (RAJAGOPALAN, 2002, p. 77). Não há, portanto, um processo de identificação baseado no desenvolvimento teleológico, mas uma mobilidade em constante re-construção. E o autor acrescenta que “os estudos culturais e pós-coloniais, notadamente nas mãos de estudiosos como Bhabha têm enfatizado é que o caráter performativo da constituição de identidades é algo inegável, sobretudo a partir do fim da Segunda Grande Guerra” (RAJAGOPALAN, 2002, p. 83).

A noção de política de representação, postulada por Rajagopalan (2003), é uma das implicações emergidas da idéia de que “a questão lingüística e a questão política seriam uma só” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 32). E continuando com esse autor, “ao falar uma língua, ao nos engajarmos na atividade lingüística, estaríamos, todos nós, nos comprometendo politicamente e participando de uma atividade eminentemente política” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 32-33), implicando o questionamento das idéias de homogeneidade, de pureza e rompendo com a concepção de identidade inviolável e imutável.

Com isso, a política de representação está interligada com a questão ética, por meio de julgamentos de valor, a partir de uma escolha. Em outras palavras, as escolhas são feitas, porque se classifica, por meio da linguagem, a realidade, a fim de posicionar-se em função de uma política que represente interesses, conveniências, relações de poder e dominação. “A questão da escolha é geralmente reconhecida como questão-chave quando se discute política” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 33). Isso mantém, em imanência:

a ética; e portanto toda atividade que envolve a política, envolve escolha. E a escolha pressupõe a existência de uma escala de valores, uma hierarquia. A questão da representação é uma questão política precisamente por envolver escolha. O difícil no caso é enxergar a presença da escolha quando o assunto é a representação lingüística (RAJAGOPALAN, 2003, p. 33).

Se há dificuldades em não considerar a escolha, quando se discute a representatividade da linguagem; então, não podemos esboçar uma análise da etnicidade sem discutir as escolhas linguísticas feitas em função de uma política de representação, em que as identidades são reivindicadas, afirmadas ou negadas. A seguir, vamos discutir questões ligadas a etnicidade, raça e nação.

1. 4. Etnicidade

O conceito de etnia foi utilizado, pela primeira vez, por Vacher de Lapouge no século XIX, segundo Poutignat & Streiff-Fenart (1998, p. 33), a fim de responder uma indagação: “como abranger princípios sobre os quais se fundam a atração e a separação das populações?” Vacher de Lapouge era zoologista e definiu raça “como o conjunto dos indivíduos que possuem em comum um determinado tipo hereditário, é o fator fundamental da história” (POUTIGNAT & STREIFF-FENART, 1998, p. 33). Esse conceito foi formulado para diferenciar-se de etnia. Para Vacher de Lapouge, a noção de raça estava ligada às “características morfológicas (altura, índice cefálico, etc.) e qualidades psicológicas” (POUTIGNAT & STREIFF-FENART, 1998, p. 34). Por outro lado, a etnia representava “um modo de agrupamento formado a partir de laços, intelectuais, como a cultura ou a língua” (POUTIGNAT & STREIFF-FENART, 1998, p. 34). Assim, Vacher de Lapouge postulava que o ser humano estava subordinado à “seleção social que à natural” (POUTIGNAT & STREIFF-FENART, 1998, p. 34).

Em contraposição a Vacher de Lapouge, Renan estabeleceu uma relação inversa em que o homem estava mais subordinado aos fatores naturais do que os sociais, conforme Poutignat & Streiff-Fenart (1998). Outros estudiosos, como Weber, incluíram outros fatores definidores da etnicidade. Dentre eles: a crença subjetiva e as relações sociais, condicionadas à “atividade de produção, de manutenção e de aprofundamento de diferenças” (POUTIGNAT & STREIFF-FENART, 1998, p. 40). Em outras palavras, a etnicidade

depende de vários fatores e é construída socialmente. E a identidade étnica, para Weber, seria construída pela diferença, estabelecida não isoladamente, mas em meio à interação social.

Mas, o tema etnicidade não é definível, facilmente, pois cada estudioso efetua deslocamentos conceituais em favor de seus interesses e de suas posições ético-políticas. Isso favorece várias articulações que aproximam ou delimitam as noções de etnia (ou étnico), raça e nação. Conforme a discussão de Poutignat & Streiff-Fenart (1998, p. 40-41), há o favorecimento das persistentes confusões:

Entre os teóricos modernos, os termos “etnia” ou “étnico” abrangem, assim, de uma só vez, sentidos diversos e se encontram articulados de maneira diferente com as noções de raça e de nação. Para Renan, o elemento étnico está do lado do objetivo e da fatalidade e se situa em oposição à subjetividade e à vontade, fatores decisivos para a formação das nações. Já do ponto de vista de Weber, a etnia, como a nação, fica do lado da crença, do sentimento e da representação coletiva, contrariamente à raça, que fica do lado do parentesco biológico efetivo.

Não há garantias sobre o desaparecimento da ambigüidade em torno das noções de etnia, raça e nação no século XX, como apontam Poutignat & Streiff-Fenart (1998, p. 41):

Não se tem certeza de que as confusões inerentes à noção de etnia, e especialmente aquelas referentes à relação ambígua que ele mantém com a noção de raça, estejam realmente dissipadas. Contrariamente aos teóricos do século XIX, os pesquisadores contemporâneos não tomam a raça como um fator explicativo do social, como o fazia Vacher de Lapouge, e a antropologia física não mais desfruta do crédito que lhe atribuíam os pesquisadores da época anterior (como foi o caso de Renan, ao pedir polidamente a esta “ciência de raro interesse” que não se misturasse as questões política!). Nem por isso o termo desapareceu do vocabulário das ciências sociais.

O termo raça faz parte de títulos de várias revistas atuais, como "Race and classes, ethnic and racial studies", mas sua noção foi reformulada de maneira a não restringir as identidades étnicas como resultado de fatores hereditários ou fenotípicos. Assim, esses fatores biológicos relacionam-se à noção de raça e os sociológicos à de etnicidade. Isso não implica que, quando se aborda um dos conceitos, o outro seja ignorado; mas as ambigüidades e as confusões conceituais não podem permanecer.

Ainda com Poutignat & Streiff-Fenart (1998, p.141), a noção de etnicidade de Barth é apresentada, de maneira a possibilitar o apontamento de quatro problemas que norteiam os estudos étnicos. "Há que convir, com Barth, que a etnicidade é uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores". A partir dessa definição, os estudos sobre etnicidade buscam analisar os seguintes problemas:

- O problema da atribuição categorial pela qual os atores *identificam-se e são identificados pelos outros*.
- O problema das fronteiras do grupo que servem de base para a *dicotomização Nós / Eles*.
- O problema da fixação dos símbolos identitários que fundam a crença na *origem comum*.
- O problema da saliência que recobre o conjunto dos processos pelos quais os traços étnicos são *realçados* na interação social. (POUTIGNAT & STREIFF-FENART, 1998, p. 141-142)

Esses problemas serão discutidos, a seguir, cabendo a nós desvelar as políticas de resistência e as identidades étnicas.

2. Esboço de análise de "uma aventura de asterix o gaulês"

Sob o ponto de vista histórico, a ficção representa a conquista da Gália pelos romanos entre o ano de 59 a 51 a.C., diferente da

demarcação temporal, mencionada na aventura: 50 a.C. Isso implica deslocamentos dos fatos históricos reais para a ficção, objetivando uma política de representação e invertendo a desvantagem real-histórica dos habitantes da Gália em relação aos romanos. Segundo a realidade histórica, Júlio César começou a invadir a Gália em 58 a.C. e liderava um exército organizado e militarmente forte; enquanto os gauleses guerreiros lutavam com a força física, porém não eram organizados e não eram munidos de estratégias de guerra como os romanos. Eles resistiram, mas foram vencidos, subjugados e destruídos cultural, econômica, política, histórico e socialmente pelos romanos. Logo, os criadores das histórias em quadrinhos francesas deslocaram-se da total dominação romana sobre a Gália e enfocaram os momentos de resistência por meio de divertidas aventuras, transpondo para a ficção um cenário de fortes resistências. A contextualização geográfica, sócio-política e histórica de “As aventuras de Asterix o gaulês” demarca as fronteiras entre o grupo étnico gaulês e a sociedade globalizante romana:

Estamos no ano 50 antes de Cristo. Toda a Gália foi ocupada pelos romanos... Toda? Não! Uma aldeia povoada por irredutíveis gauleses ainda resiste ao invasor. E a vida não é nada fácil para as guarnições de legionários romanos nos campos fortificados de Babaorum, Aquarium, Laudanum e Petibonum... (GOSCINNY & UDERZO, 1968, p. 3).

O contexto geográfico é compreendido como uma pequena aldeia, próxima à Bélgica e ao mar, pertencente à Gália de forma a bipolarizar as fronteiras entre “nós”, os gauleses, e “eles”, os romanos. As nomeações permitem identificar os sujeitos sob duas óticas opostas: a aldeia gaulesa resistente e os romanos invasores. Os conflitos interétnicos são representados pelas escolhas lingüísticas: “Toda? Não!”. O uso do pronome indefinido “toda” subentende uma conquista romana totalizadora em que a Gália se submeteu, por meio das relações de dominação e poder, à homogeneização, implicando em uma relação de pertença a “eles”. Contudo, o advér-

bio de negação “não” representa a interpelação da identidade étnica dos sujeitos gauleses, por meio da resistência, imbricando a relação de pertença a “nós”. A invasão romana constituiu uma prática identitária em que os romanos afirmaram a identidade de conquistadores, sob seus pontos de vista; e que, para os gauleses, eles assumiram a identidade de invasores. A nomeação “conquista” que aparece, no mapa de abertura da história em quadrinhos, pressupõe uma ação pacífica: os romanos visavam a um objetivo e o conquistaram, como se a Gália fosse um prêmio, um tesouro. Se considerarmos a Gália como a representação de um prêmio ou tesouro, podemos perceber a relação entre a realidade histórica e a ficcional por meio da escolha lingüística “conquista”, na qual a grandiosidade do império romano se consolidou após a anexação dessa região, como postulam Aymard e Auboyer (1956). Segundo estes historiadores, a conquista da Gália fortaleceu o poder político de Júlio de César. O triunvirato — acordo entre César, Pompeu e Crasso — encarregou ao primeiro o objetivo de aumentar as fronteiras do império a partir da conquista da Gália. E após essa conquista, César desejou o poder político totalitário em que, sozinho, dominaria todo o império romano. Nomear, no bojo da ficção, assim, esse fato histórico como “conquista”, é reivindicar a identidade de um romano em especial: Júlio César, visto que a conquista da Gália o fortaleceu politicamente.

Para os gauleses, sob o ponto de vista da realidade histórica, não se tratou, como a narração ficcional citada, de aventuras, marcadas por divertidas batalhas. Mas, de um conflito interétnico que representou uma conquista em favor dos interesses políticos de um império, representado por um líder romano — Júlio César. Em nome de uma política de interesses, uma invasão devastadora marcou a realidade histórica dos gauleses que não foi representada pela ficção. A paz e a tranqüilidade de uma aldeia gaulesa — de uma comunidade étnica — foram transformadas em confrontos de resistência. Os romanos foram eleitos o inimigo, o “invasor”; e os gauleses, os invadidos, os resistentes, representando o grupo étni-

co por meio da diferença no bojo da interação social. As resistências ocorreram entre uma minoria gaulesa, nomeada como “uma aldeia” que, apesar de ser em menor número, incomodava a “pacífica ocupação romana”: “E a vida não é fácil para as guarnições de legionários romanos nos campos fortificados de Barbaorum, Aquarium, Laudanum e Petibonum...” GOSCINNY & UDERZO, 1968, p. 3). A irredutibilidade gaulesa tirou a paz dos acampamentos de soldados que cercavam a aldeia. O cenário de resistências foi representado por uma minoria resistente (um grupo étnico) e invadida, de um lado; e, do outro lado, por uma maioria invasora que objetivava conquistá-la. No entanto, os confrontos não garantiram a vitória dos romanos, um desejo a ser buscado, constantemente, por toda a narração. Esse desejo que impulsiona a persistência romana em conquistar a aldeia gaulesa não corresponde à realidade histórica, já que os gauleses foram dominados pelos romanos.

A descrição dos sistemas de significação e de representação, nas páginas iniciais da história em quadrinhos, é acrescida de uma caracterização dos heróis gauleses, representando as identidades étnicas assumidas e reivindicadas durante a ficção. Trata-se de gauleses que assumem identidades de heróis sobre-humanos, graças a uma poção mágica feita pelo druida da aldeia. Essas identidades assumidas na ficção mascaram a realidade histórica, em que os romanos subjugarão os gauleses depois de vários confrontos (AYMARD & AUBOYER, 1956; MICHULIN, 1960; POWELL, 1971.). Gosciny e Uderzo deslizarão-se da realidade histórica para narrarem e desenharem as aventuras gaulesas como representações dos conflitos interétnicos, ocorridos na França após a Segunda Guerra Mundial. Os descendentes de imigrantes interpelavam identidades perante a sociedade globalizante francesa, por um lado; e, por outro lado, os franceses, sejam nativos ou descendentes de outras localidades e culturas, residentes na França, assumiram identidades contra a dominação norte-americana. O sistema capitalista norte-americano foi adotado pela França como forma de “retribuir” o “auxílio” fornecido durante e após a Segunda Guerra

Mundial. Mas, a troca desse favor implicou na abertura do mercado francês para os Estados Unidos, permitindo a entrada tanto de produtos industrializados quanto culturais.

A realidade histórica demonstra a desorganização dos povos habitantes da Gália quanto à ocupação de territórios — estrutura militar-estratégica —, porém a apresentação dos heróis gauleses na ficção contraria essa realidade: os gauleses eram organizados.

Asterix é o herói das aventuras gaulesas. Pequeno guerreiro de espírito sagaz e inteligência viva, aceita sem vacilar as missões perigosas que lhe são confiadas. A força sobre-humana de Asterix vem da poção mágica do druida Panoramix... (GOSCINNY & UDERZO, 1968, p. 4.)

Esta é a descrição breve do protagonista das aventuras: Asterix. Ele simboliza a identidade étnica reivindicada pela aldeia gaulesa perante a invasão romana, reunindo características simbólicas: estatura baixa que representa a minoria étnica resistente ao invasor, o império romano; qualidades de um guerreiro, que é dotado de uma sagacidade e de uma inteligência; é prestativo, estando sempre preparado para demarcar as diferenças, em relação aos romanos, por meio de interação social. O invasor, assim, exige a interpelação da identidade do invadido. Por trás da aparência física, há as qualidades morais: coragem, sagacidade e inteligência que complementam os poderes desse herói emblema. Por outro lado, há os confrontos simbólicos entre os gauleses e os romanos, como o realce do sentimento romano de inferioridade que se contrapõe à superioridade territorial, política e militar do império. Essa contradição realça traços étnicos negados pelos romanos, mas salientados quando os gauleses vencem os confrontos corpo a corpo.

Para mascarar essas saliências étnicas, os romanos nomearam os gauleses como desorganizados, a fim de realçar as deficiências gaulesas, como a falta de estratégias militares e a de expansão territorial, conforme as políticas de conveniências e de interesses da sociedade dominadora. A organização política gaulesa era diferente

da romana: a Gália era dividida em várias tribos que, muitas vezes, se confrontavam, segundo a realidade histórica. Sob o olhar romano, isso é desorganização, mas elege o povo romano como organizado, atendendo interesses de dominação. Para eles, organização é possuir um grande exército armado, munido de estratégias de invasão, combate e defesa; ser um grande império homogêneo⁴ que segue uma política de dominação e poder. Os gauleses não se assemelhavam com os romanos, sendo nomeados como bárbaros e desorganizados. Portanto, povos facilmente subjugados, porque, durante a conquista da Gália, convinha aos romanos fazer nomeações que favorecessem suas políticas de interesses e conveniências.

Asterix, representante da identidade étnica da aldeia gaulesa, é auxiliado por outros heróis:

Obelix é o amigo inseparável de Asterix. Profissão: entregador de menires⁵. Adora javalis e boas brigas. Obelix está sempre pronto a largar tudo para acompanhar Asterix em novas aventuras. Seu grande amigo é Idéiafix, um cãozinho incrível, conhecido por ser defensor da natureza e por ganhar desesperadamente quando vê uma árvore sendo derrubada" (GOSCINNY & UDERZO, 1968, p. 4).

A força física sobre-humana de Asterix origina-se de uma poção mágica. Mas também, Asterix é auxiliado por Obelix, possuidor de uma alta estatura e de força física, complementando os poderes mágicos de Asterix. A relação de confiança e lealdade entre Asterix e Obelix garante a vitória dos gauleses sobre os romanos, representando o sentimento de solidariedade e de coletividade que colabora na organização social de uma comunidade étnica e ultrapassando a identidade étnica individual. Entre Asterix e Obelix, há

⁴ Conforme as teorias de cunho pós-estruturalista, a noção de nação homogênea constitui uma fantasia (HALL, 2003; RAJAGOPALAN, 2002 e 2003; SIGNORINI, 1998).

⁵ *Monumento pré-histórico que consiste em um único bloco de pedra, levantado verticalmente.* (LUFT, Celso Pedro. *Mini-dicionário Luft*. 5ª Ed. São Paulo, Ática; Scipione, 1993. 651 p).

uma relação de interdependência, fortalecendo, politicamente, a resistência gaulesa em relação à invasão romana. Assim, a manutenção das relações de confiança, solidariedade e coletividade representa a configuração de uma política de representação em favor dos interesses gauleses: resistir à invasão romana e preservar a cultura gaulesa.

Durante a falsa captura de Caligulamix — o “visitante gaulês” — pelos romanos, Asterix e Obelix tiveram um confronto corpo a corpo com os romanos que aprisionavam um “gaulês”, sendo este libertado. No entanto, tratava-se de um falso prisioneiro. Caligulamix é um romano disfarçado, atuando como espião. Por causa dessa atuação em função de uma política de representação, reivindicou uma identidade étnica de gaulês, nomeando-se por intermédio da terminação *-ix*, característica de um nome próprio gaulês (símbolo identitário que constitui o fundamento de uma crença, visando uma mesma origem). Para assumir a identidade gaulesa, o soldado romano teve que se nomear como gaulês, estabelecendo uma relação de pertença à comunidade étnica gaulesa, re-posicionando-se a partir do deslocamento da noção de pertença de “eles” (os romanos) para “nós” (os gauleses). Caligulamix foi bem recebido pela aldeia gaulesa e hospedou-se na casa de Asterix e Obelix. Durante o almoço, Caligulamix concretizou o objetivo romano, conforme a conveniência momentânea: ser identificado como gaulês, possibilitando a descoberta do segredo da força sobre-humana gaulesa. Ele reivindicou a identidade étnica de habitante da Lutécia, manifestando o desejo de retornar para sua região de “origem”, e por meio de lamentações, interpelou a identidade de lealdade e justiça de Asterix e Obelix, “verdadeiros” gauleses, ao dizer: “— Mas não é justo! Se os gauleses não contam tudo uns aos outros, onde é que vamos parar?...” (GOSCINNY & UDERZO, 1968, p. 16)

Asterix afirma a sua identidade de gaulês leal e justo, procurando o druida para fazer a poção mágica e dá-la ao visitante. Foi, nesse momento, que Asterix se comoveu com o choro de Caligulamix

e pediu opinião a Obelix (GOSCINNY & UDERZO, 1968, p. 16): “— Que é que vamos fazer?” E Obelix: “— Comer o javali dele!” Asterix assumiu a identidade de justo e leal ao pedir a opinião de Obelix, mas este afirmou a sua identidade de guloso e de ingênuo. Dessa forma, o desencontro das identidades assumidas foi desconsiderado, pois para Asterix não convinha considerar a opinião de Obelix que acatou a opinião do líder gaulês: “— Vem, Caligulamix, vamos ver o Druida”. (GOSCINNY & UDERZO, 1968, p. 16).

Nessa aventura, Idéiafix não atuou na trama, mas foi apresentado junto com Obelix. Em seguida, o druida é apresentado:

Panoramix, o venerável druida da aldeia, colhe zimbro⁶ e prepara poções mágicas. Sua melhor receita é a poção que dá força sobre-humana a quem a toma. Mas Panoramix tem outras receitas de reserva (GOSCINNY & UDERZO, 1968, p. 4).

Panoramix representa a identidade mística dos gauleses. A magia tornou os gauleses sobre-humanos. Como humanos, os gauleses representam minoria em relação aos soldados romanos, instalados ao redor da aldeia. As potencialidades humanas físicas eram as mesmas entre os invasores e os invadidos. Porém, toda a estrutura política e militar do império romano exigiu a reivindicação de uma identidade superior para que, durante a aventura, a vitória fosse sempre dos gauleses, representando as políticas de resistência dos grupos étnicos na França e da cultura francesa frente à norte-americana, conforme a realidade histórica após a Segunda Guerra Mundial. Com isso, a identidade de superioridade foi reivindicada por meio da poção mágica, preparada pelo druida. Panoramix concebe a superioridade física aos gauleses, sendo venerado, garantindo-lhe poderes místicos, mas também políticos. Segundo Michulin (1960), as várias tribos que constituíam a Gália

⁶ *Planta cujos frutos são usados na preparação de conservas e do gim; junípero.* (LUFT, Celso Pedro. **Mini-dicionário Luft**. 5ª Ed. São Paulo, Ática; Scipione, 1993. 651 p).

eram governadas por aristocratas e sacerdotes. O druida Panoramix, assim, é a representação dos sacerdotes que possuíam os mesmos poderes políticos que os aristocratas.

Em “Uma aventura de Asterix o gaulês”, Asterix e Panoramix mantêm relações de interdependência no bojo de uma interação social. Diferente da submissão praticada por Obelix em relação a Asterix, Panoramix não se submete a este, uma vez que ambos assumem identidades de líderes políticos: Asterix representa a identidade étnica da comunidade, por um lado; e, por outro, Panoramix, a identidade étnica mística dos gauleses. Cada um desempenha um papel e não se compartilha a receita da poção mágica, porque ela é transmitida de um druida a outro por meio da oralidade: um outro símbolo identitário da noção de pertença gaulesa. A identificação de um druida se dá pelo ato de transmitir suas receitas mágicas para outro druida, oralmente; caso contrário, são permanecidas em sigilo. Sob essas condições, a identidade hereditária da poção mágica é reivindicada por meio da tradição que diferencia essa comunidade étnica gaulesa da sociedade dominante romana. Contudo, sempre Obelix, ingenuamente, manifesta o desejo de tomar uma dose da poção, apesar de saber que caiu quando pequeno em um caldeirão, eternizando os poderes sobre-humanos sobre si.

Apesar das funções políticas assumidas por Asterix e por Panoramix, há um representante da aldeia como organização sócio-política por meio de uma figura de chefe (GOSCINNY & UDERZO, 1968, p. 4):

Abracurcix, finalmente, é o chefe da tribo. Majestoso, corajoso, colérico, o velho guerreiro é respeitado pelos súditos e temidos pelos inimigos. Só tem medo de uma coisa: que o céu caia em sua cabeça, mas como ele próprio afirma: “Quem morre de véspera é peru”.

As figuras gaulesas — Asterix, Obelix e Panoramix — encontra-se em níveis hierárquicos acima do chefe da tribo. O povo

gaulês sente-se representado por Asterix, um guerreiro pertencente à massa popular, implicando no primeiro herói a ser apresentado; pois está, diretamente, ligado à organização da comunidade étnica em oposição às relações de poder e de dominação, emergidas nos níveis hierárquicos mais altos em direção aos mais baixos. Assim, políticas de resistência, que emergem de um grupo étnico, fazem com que seus membros sentem-se representados por um herói, oriundo da massa popular, e não, da aristocracia. Isso contraria a organização social romana, em que os romanos se sentem representados por Júlio César, um membro pertencente à aristocracia. Abracurcix é interpelado como um sujeito superior politicamente. Ele sempre aparece, na ficção, em cima de um escudo, que é carregado por dois gauleses súditos, simbolizando a sua superioridade como chefe da tribo. Em relação ao medo, podemos dizer que o “céu” representa a possibilidade de destruição do grupo étnico por uma sociedade globalizante (no caso, o império romano), enquanto a “cabeça”, a comunidade étnica gaulesa. Comparando essas nomeações com a realidade histórica, segundo Aymard & Auboyer (1956), os romanos destruíram as tribos gaulesas, saqueando e incendiando-as. Impuseram a língua latina e apagaram os monumentos e registros culturais e históricos existentes por toda a Gália. Se o céu caísse sobre a cabeça de Abracurcix, haveria uma representação da destruição e da invasão romana, ocorrida na realidade histórica. Contudo, o ditado popular, “Quem morre de véspera é peru”, não nega o fim do povo gaulês, tanto sob o aspecto da realidade histórica quanto da ficção.

Os gauleses se divertiam muito e a representação do entretenimento é (GOSCINNY & UDERZO, 1968, p. 4):

Chatotorix é o bardo mais chato da Gália. As opiniões sobre seu talento não são unânimes: ele se considera genial, mas todos os demais consideram-no abominável. Calado, porém, torna-se um ótimo companheiro...

Esse personagem é o poeta heróico gaulês, não canta de forma agradável e, por isso, seu silêncio o faz ser uma companhia agradável. Mas, ele representa a diversidade de pontos de vista existentes entre gauleses e romanos por meio da escolha lingüística “opinões”. Os romanos vêem a Gália como um prêmio a ser adquirido, consolidando o império que se sente representado pelo líder militar Júlio César. Esse sentimento de pertença do povo romano favoreceu Júlio César, fortalecendo-o politicamente. Em contrapartida, os gauleses sentem-se invadidos pela política de expansão do império romano. Não há, portanto, uma concordância de visões em relação à conquista da Gália ou invasão romana sobre ela, mas uma discordância que propicia a constante mobilidade dos processos de identificação dos sujeitos, ocasionando várias representações de resistência. Não são apenas os gauleses que resistem, mas também os romanos.

Em “Uma aventura de Asterix o gaulês”, há um palco de encenações, orientado pelas políticas de representação. Os atores são personagens ficcionais que encenam em função das políticas de resistência momentâneas. Trata-se de instantes, de posições reconfiguradas pelas resistências que interpelam as identidades dos sujeitos, caracterizados como pós-modernos. O processo de identificação étnica consiste em um processo em constante mutação. Durante a primeira aventura de Asterix, os romanos elaboraram um plano de espionagem para descobrirem o segredo da força sobre-humana dos gauleses. Esse plano constitui uma outra política de resistência em que os romanos — assumindo uma identidade de vítimas e impedidos de continuarem a política expansionista sobre a Gália — utilizaram uma estratégia de guerra: a infiltração no território do inimigo, coletando dados para a realização de um combate e atingindo os pontos fracos. Como já foi discutido, o soldado romano Calígula Minus foi nomeado como Caligulamix, negando a sua identidade romana para reivindicar a gaulesa em nome de uma política de resistência.

Panoramix foi capturado pelos romanos para fazer-lhes a poção mágica. Mas, o druida resistiu e não lhes revelou o segredo. Para isso, junto com Asterix utilizaram uma outra política de resistência: uma aparente aceitação da ordem romana de revelar a receita, porém algumas condições foram impostas. Dentre elas, a obtenção de um ingrediente de difícil acesso: morangos. Passaram-se dias para que um soldado encontrasse os morangos. Asterix e Panoramix comeram os morangos, não fizeram a poção e divertiram-se às custas dos romanos. Com isso, irritaram os romanos e não revelaram a receita, apesar da pressão imposta. O druida possuía outras receitas de reserva e fez um caldeirão de um outro tipo de poção mágica. Os romanos tomaram, sentiram-se sobre-humanos, mas os seus cabelos começaram a crescer sem cessar, realçando a ofensa à vaidade romana. Sempre estavam de barbas e cabelos aparados, assim, esses traços étnicos foram negados, salientando o descuido em relação à aparência física. Essa política de resistência — de aparentemente atender à exigência dos romanos e transformá-la em ataque — fizeram com que os romanos negassem a identidade de detentores dos inimigos e das relações de poder para assumirem a identidade de dependentes de Panoramix, porque somente ele poderia desfazer os efeitos da poção mágica tomada.

Mas, a chegada de César permitiu a libertação de Asterix e Panoramix por intermédio de uma troca de informações: a denúncia dos planos de Caius Bonus em tomar a posição política de César. Para consolidar a troca de favores, Júlio César libertou Asterix e Obelix. Asterix assumiu a identidade de confessor dos planos de traição de Caius Bonus e negou a sua identidade de inimigo de César. Logo, a re-constituição da política de resistência interpelou novas identidades étnicas temporárias.

Pela noite adentro, sob um céu estrelado e uma lua maravilhosa, os gauleses festejavam seus heróis, que venceram os inimigos graças à astúcia, à magia e a proteção dos deuses... (GOSCINNY & UDERZO, 1968, p. 48).

Por fim, os banquetes, simbolizando fartura e alegria, visavam a comemoração da vitória das políticas de resistência em nome da identidade étnica gaulesa, contrapondo-se ao inimigo invasor: os romanos.

Considerações finais

As políticas de resistência engendradas no interior de “Uma aventura de Asterix o gaulês” descontrolam a metáfora simplista de que a cultura francesa se contrapõe, somente, à norte-americana. Representações da realidade histórica foram feitas, de forma a recontar a história de um povo que se re-posicionou como um grupo étnico, reivindicando um posicionamento político de resistência à sociedade dominante. Em torno de uma política de resistência, fatos históricos reais são representados, como os movimentos regionalistas e étnicos, emergidos na França, especialmente, após a Segunda Guerra Mundial. Entrecruzando esses movimentos, interpelações das identidades de nativos e de descendentes imigrados de outras regiões e culturas que convivem na França, reivindicam identidades resistentes à dominação norte-americana. As relações de dominação e de poder norte-americanas são concebidas pela abertura do mercado francês, permitindo a entrada de produtos industrializados, mas também culturais. Esses fatores sócio-políticos impulsionam as re-configurações das políticas de resistência, assim como dos re-posicionamentos identitários no bojo de uma política de representação.

Como vimos, neste trabalho, as identidades étnicas dos sujeitos pós-modernos foram reivindicadas, afirmadas e negadas em função dos sistemas de significação e de representação. Mas, como esses sistemas são abertos, descontínuos, instáveis e, acima de tudo, extremamente móveis, os processos de identificação assim os são. Não foi viável pressupor um desenvolvimento teleológico já que há a “celebração do móvel” (HALL, 2003), não possuindo origens e

fins fixos, que são influenciados pela constante mutação. Isso pôde ser percebido em “Uma aventura de Asterix o gaulês”. Nem a ficção se comportou como fixa, estável, fechada e contínua, mas como um processo em constante re-constituição. E essa re-constituição representou as políticas de resistência emergidas no “corpus” de análise. Não se tratou de uma resistência simplista entre os gauleses e os romanos, e sim, de políticas de resistência que foram organizadas e que estavam em freqüente processo de re-constituição em nome de uma identidade étnica. Assim, a identificação étnica não pode ser estudada como influência de um único fator constituinte, mas como o entrecruzamento de fatores que reforçam, por meio da diferença, o sentimento de pertença a um grupo étnico, opondo-se à sociedade globalizante.

RÉSUMÉ: *Ce travail cherche à analyser le jeu de re-position et de la politique de représentation dans “Une aventure d’Astérix le gaulois”, écrit par René Goscinny et dessiné par Albert Uderzo, avec le but de demander une identité ethnique. Dans ce décor de représentations, il y a des politiques de résistance parmi les sujets actifs: romains et gaulois. Cela se passe dans l’ampleur des systèmes de la représentation et de la signification, dont le processus de l’identification change constamment, en questionnant des identités ethniques qui, pour l’instant sont affirmées et pour autres y sont refusées. Les identités qui seront problématisées, dans ce travail, sont re-posées dans fonction de la politique de commodités et d’intérêts dont les sujets sont bornés. Le fait d’un membre de l’armée de Julio Cesar, par exemple, nier son identité de citoyen romain pour demander celle de gaulois illustre l’un de ceux re-positions qui peuvent être racontée facilement avec des faits réels du contexte politique du temps. L’étude concernant les identités, des politiques de représentation et de la ethnie se base sur les notions postulées par Hall (2003), par Rajagopalan (2002; 2003) et par Poutignat & Streiff-Fernart (1998) respectivement.*

MOTS-CLÉ: *Astérix; politique de la représentation; identité; ethnie; discours.*

BIBLIOGRAFIA

- AYMARD, André; AUBOYER, Jeannine. *Roma e seu império*. Tradução de Pedro Moacyr Campos. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1956. 258 p. (Tomo II, v. 1).
- GOSCINNY, René; UDERZO, Albert. *Uma aventura de Asterix o gaulês*. Tradução de Tânia Calmon do título em francês: *Asterix le gaulois*. Rio de Janeiro, Record; Paris, Dargaud, 1968. 48 p.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7ª Ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2003. 102 p.
- HOBBSAWM, Eric. *A era das revoluções*. Tradução de Tereza L. Teixeira e Marcos Penchel Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981. 366 p.
- ILARI, Rodolfo. *Linguística românica*. 3ª Ed. São Paulo, Ática, 2000. 285 p.
- MICHULIN, A. V. *História da Antigüidade*. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Vitória, 1960. 220 p.
- PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença. Uma introdução*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte, Autêntica, 2000. 94 p.
- PINSKY, Jaime. *100 textos de história antiga*. São Paulo, Hucitec, 1972. 155p.
- POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FERNART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrick Barth*. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. 250 p.
- POWELL, T. G. E. *Os celtas*. Tradução de Rodrigo Machado do título original em inglês *The celts*. Londres, Thames and Hudson, 1958. [s / d] Editorial Verbo, 1971. 282p.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. A construção de identidades e a política de representação. In: FERREIRA, Lucia M. A.; ORRICO, Evelyn G. D. (Orgs.) *Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações*. Rio de Janeiro, DP&A, 2002. p. 77-87.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. Designação: a arma secreta, porém incrivelmente poderosa da mídia em conflitos internacionais. In: *Revista do 51º Seminário do Gel*. Univ. de Taubaté. 22-24 mai. 2003. CD-rom.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo, Parábola, 2003 143 p.

SIGNORINI, Inês. Figuras e modelos contemporâneos da subjetividade. In: SIGNORINI, Inês. (Org.). *Língua(gem) e identidade. Elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, Mercado de Letras; São Paulo, Fapesp, 1998. p. 333-380.

VICENTINO, Cláudio. *História geral*. 5ª Ed. São Paulo, Scipione, 1994. 351 p.